

Processo metodológico de uma pesquisa interdisciplinar

Beltrina Côrte
Ana Maria Ramos Sanchez Varella

RESUMO: O Grupo de Pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação (LEC), certificado pelo CNPq, teve seu início em 2002. Formado por uma equipe de profissionais multidisciplinares, tem como proposta a compreensão da complexidade do processo do envelhecimento e da velhice em si. O grupo é formado por pesquisadores de várias áreas do conhecimento, tornando as pesquisas muito mais enriquecedoras. É um grupo com diversidades de olhares e de pesquisas em seu interior. As diversas formações dos pesquisadores e os diferentes níveis de realidade exigem uma dinâmica interna que respeita os princípios interdisciplinares: espera, humildade, respeito e desapego. Os pesquisadores vivem durante todo o tempo um processo interdisciplinar coletivo, o que gera discussões profundas e cooperam com a construção coletiva do conhecimento. Além disso, os pesquisadores têm de passar obrigatoriamente a olhar para o objeto pelo seu campo disciplinar de atuação, o que torna as pesquisas mais amplas e enriquecedoras. Desde a escolha do tema até os caminhos seguidos fazem deste grupo um instrumento coletivo de construção, desconstrução e passa por diferentes níveis de percepção.

Palavras-chave: Processo metodológico; Pesquisa interdisciplinar; Diversas formações

Methodological process of an interdisciplinary research

ABSTRACT: *The Longevity, Aging and Communication (LEC) Research Group is formed by a multidisciplinary team of professionals and has the purpose of understanding the complexity of the aging process and old age itself. The diverse backgrounds of the researchers and the different levels of reality require internal dynamics that respects the interdisciplinary principles: patience, humbleness, respect and detachment. Researchers have to necessarily start to look at the subject through their disciplinary field of expertise, which makes the research more comprehensive and enriching. From the choice of the theme to the paths followed, they all this group a collective instrument of construction and deconstruction along different levels of perception.*

Keywords: *Methodological processes; Interdisciplinary research; Diverse backgrounds*

Nesta parte apresentamos o processo metodológico desta pesquisa Interdisciplinar, cuja proposta foi analisar a cobertura da mídia em relação ao envelhecimento e à longevidade.



O LEC teve seu início em 2002 e está inserido no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Inicialmente foi formado por 12 pesquisadores de áreas disciplinares distintas: Letras, Psicopedagogia, Pedagogia, Psicologia, Jornalismo, Fisioterapia, Serviço Social, Terapia Ocupacional, Nutrição e Economia. A maioria mora em São Paulo e na Grande São

Paulo, um em Diamantina e Belo Horizonte (MG), outro em Bauru (SP).

Como representação imagética o grupo escolheu um leque que tem como definição um abano com varetas que se abrem e fecham, exatamente como o grupo se coloca frente ao conhecimento, apresenta seus conhecimentos disciplinares (movimento de abertura), ouve o outro e se recolhe para apreender o novo e em seguida se abre para uma nova troca de saberes. Segundo Fazenda (2001a:12), a interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento.

A interdisciplinaridade é o componente-chave deste grupo?

O que os pesquisadores têm em comum? O que os une?

D'Ambrosio (1998: 69), em sua fala sobre as novas possibilidades da ciência, afirma que o estudo das disciplinas não resolve problemas maiores. Surge a necessidade da ideia multidisciplinar. Ele utiliza a imagem do pássaro que precisa sair da gaiola e conhecer outros pássaros de outras gaiolas para juntos procurarem alguma coisa. O LEC se encaixa nessa perspectiva: seus pesquisadores já abriram suas gaiolas para o conhecimento de outras áreas e encontraram em comum o tema envelhecimento que passou a ser o objeto de estudo do grupo e eles têm como proposta a compreensão da complexidade do processo do envelhecimento e da velhice em si.

Ainda segundo Fazenda (2001a: 12), “Todo o projeto interdisciplinar competente nasce de um lócus bem delimitado, é fundamental contextualizar-se para poder conhecer.”

O “locus” do grupo é a Comunicação e é importante destacar que esse eixo norteador não tem relação direta com as pesquisas individuais realizadas anteriormente pelos pesquisadores, o que comprova a vontade coletiva de buscar um novo conhecimento. A definição do próprio tema de pesquisa foi um processo coletivo.

Essa é a vida do grupo, conhecer coisas novas. Para D’Ambrosio (1998: 71), “comportamento e conhecimento são ações permanentes enquanto se está vivo, vida é ação e ação se manifesta com conhecimento e comportamento”.

No tema envelhecimento destaca-se a relação com a própria vida, com sua essência e acredita-se que vida e ação estão em correlação. Por esse motivo, resgatar o histórico do grupo é de grande valia, pois propicia uma reflexão conjunta, inclusive sobre os procedimentos para este livro.

O início do LEC. Em 2002 o grupo apresentou para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, um tema definido coletivamente: *Os anos (in)desejados: a cobertura da longevidade pela imprensa brasileira*, ao comitê da área da Comunicação. Não foi aceito, com a explicação de que o projeto fazia parte da “área médico-social”. Em 2003, depois de reformulado, seguiu novamente para a CAPES, desta vez para a área Multidisciplinar, levando um tema que estava na pauta do momento: *A cobertura da violência contra os idosos na mídia impressa brasileira*. Também foi negado, após 6 meses de espera, com a alegação de que fazia parte da área da Comunicação.

Qual foi a atitude do grupo frente a essas negativas? Sem ajuda financeira como dariam conta das pesquisas? Continuariam sem financiamento, mesmo sabendo que não há Identidade do grupo frente aos órgãos avaliadores? O que fazer para seguir nas investigações a que se propunham?

O desejo dos pesquisadores era continuar e para isso tiveram de reavaliar, refletir, reformular as propostas antes manifestadas no projeto.

Por que o grupo continuava unido, em parceria, com objetivos únicos?

Para entendermos melhor, recorreremos mais uma vez à Fazenda (2003: 86) que nos alertou que as dificuldades encontradas frente a instituições não podem desestimular a ousadia do pesquisador. O grupo teve de se reconstruir para reformular o seu caminhar novamente.

Como foi esse processo?

O movimento interno de todos os componentes foi importantíssimo para a nova etapa da reestruturação do projeto, porque passaram a pensar nas questões econômicas,

na localização geográfica dos pesquisadores, na escolha e acesso aos veículos de comunicação a serem investigados e à logística do processo. Das dificuldades e dos desafios colocados surgiram as soluções.

O grupo otimizou os critérios para definição dos jornais a serem pesquisados e principalmente verificar quem assinava qual jornal para que o custo fosse menor nessa fase da pesquisa, pois cada um teria de arcar com suas despesas individuais em benefício também do coletivo. Esse foi um dos critérios para definir a escolha e o acesso aos veículos de comunicação, assim como a área geográfica onde esses veículos se localizavam.

Chegou-se à conclusão de que não haveria motivo para investigar apenas a violência contra os idosos, mas aproveitar os diferentes jornais escolhidos para analisar diferentes aspectos sobre o envelhecimento.

A temática gerada após esses critérios foi “A cobertura da imprensa sobre o envelhecimento: o caso do jornal O Estado de S.Paulo, Jornal da Tarde, Folha de S.Paulo e Valor Econômico”. O *critério* definido foi a *idade*, mas o tema *envelhecimento*.

Análise metodológica do grupo

O que pode gerar num grupo, as diferentes formações? O que é exigido de cada componente, se o olhar de cada um para o objeto de pesquisa passa pelo campo disciplinar de atuação?

Segundo Morin (1983:33), a articulação das competências forma um anel completo e dinâmico, o anel do conhecimento. Para ele, “a apreensão do todo só pode ser efetivada através da adoção de uma atitude transdisciplinar”, porque as competências individuais podem ser articuladas.

Sendo um grupo com diversidades de olhares e de pesquisas em seu interior e com diversas formações e diferentes níveis de realidade exigiu-se um olhar diferenciador de todos. Mas não foi tão simples assim, os conflitos se manifestaram, logo após terem definido as primeiras tarefas individuais e foi necessária uma intervenção da líder que também teve de repensar sobre o movimento que se manifestava ali.

Os desejos diferentes de partir para a pesquisa, aceitar o olhar do outro, é uma grande dificuldade. Alguns queriam ver os resultados de imediato. Outros queriam

dominar a atuação dos demais, ajustando aos seus tempos e às suas velocidades. O grupo não havia percebido que o repertório particular de cada componente é que permitia um desdobramento para conhecer e respeitar as outras áreas. Mautner (1991: 72) aponta que “o caminho da superação está no enfrentamento das barreiras” que surgem no encontro com os diferentes.

No início não foi tão simples ouvir o outro, respeitar a opinião alheia, sem imposições, respeitar os tempos e velocidade de cada um. A líder passou também por esse processo de dor, de desequilíbrio, para dar conta de uma nova formação interna. Modificações, transformações, era necessário modificar para poder construir. Para quê?

A solução seria pensar numa dinâmica para que pudesse haver uma certa sintonia entre todos ou era natural esse desencontro?

Que dinâmicas deveriam ser pensadas para o grupo?

Os pesquisadores vivem durante todo o tempo um processo interdisciplinar coletivo? As discussões cooperam com a construção coletiva do conhecimento? Desde a escolha do tema até os caminhos seguidos fez deste grupo um instrumento coletivo de construção, desconstrução, passando por diferentes níveis de percepção?

A temática do grupo, envelhecimento, já gera por si só um caminho de inclusão social, exatamente a mesma inclusão que os componentes do grupo exigem entre si. Talvez, por isso, o desafio primeiro foi o de pertencimento, mas as diferenças entre os componentes emergiram...

No início os pesquisadores encontravam dificuldades para os encontros, alguns não se dispuseram a participar inteiramente, não se assumiram como um todo. Houve ocasiões em que alguns mostram não saberem ouvir, apenas querem falar, comandar, dar ordens, o que gera certo mal-estar.

No primeiro momento o grupo criou uma sintonia para um método. Analisar em cima das coletas para interpretar os dados. Coletivamente elaborou-se um instrumento de pesquisa. E, desta construção, conceitos específicos da comunicação serviram de elo e de “alimento” para que cada qual se sentisse pertencente. Em cada variável (pergunta) elaborada para o instrumento de coleta (em anexo) há um pouco de cada um. No segundo momento foram definidos os caminhos para determinar como seria a coleta, inclusive a sua logística. No terceiro momento a coleta em si e finalmente a análise, etapa em que o grupo compreendeu que deveria chamar outras pessoas, com outros saberes, para, juntos, interpretar o que a mídia impressa estava falando da velhice.

No momento da coleta dos aspectos quantitativos e depois análise das narrativas, o grupo esteve na ação e não na discussão teórica. Consistiu na atitude de cada um e ação como grupo de pesquisa.

O que se perguntava neste momento é se esta ação gerada pelo grupo já não os aproximava da Interdisciplinaridade?

De acordo com Fazenda (2001b: 88), uma atitude interdisciplinar se identifica pela “ousadia da busca, da pesquisa, da transformação” e nos projetos interdisciplinares encontram-se possibilidades do pensar, questionar e construir.

A autora ainda destaca que, para haver a execução de um projeto interdisciplinar, uma das possibilidades é a pesquisa coletiva, exatamente o que o LEC tem feito. Além disso, é necessário haver “uma pesquisa nuclear que catalise as preocupações dos diferentes pesquisadores” e, outra, chamada de satélite, em que cada componente tenha o seu pensar individual e solitário.

Que caminho foi este realizado pelo LEC? Possivelmente, hoje refletindo, podemos dizer que alguns pesquisadores não se perceberam interdisciplinarmente. Fazenda (2001b: 78) acrescenta que “perceber-se interdisciplinar é, sobretudo, acreditar que o outro também pode ser ou tornar-se interdisciplinar”.

Fazenda acrescenta que quando o grupo pára, observa e avalia o caminho que trilhou, há a possibilidade de se fazer com maior facilidade a passagem da didática tradicional para uma transformadora didática interdisciplinar.

Ela nos esclarece que “A construção de uma didática interdisciplinar baseia-se na possibilidade da efetivação de trocas intersubjetivas” (2001b: 79). Essa fala mostra que o grupo promoveu entre si trocas e autoconhecimento para que cada um contribuisse na ampliação de diferentes aspectos que foram abordados e que os relacionaremos ao longo deste livro.

A problemática do grupo encontrou barreiras de financiamento de pesquisa e de difusão de seu produto em publicações reconhecidas pelas agências de fomento à pesquisa. Entretanto, as tentativas ao inscrever trabalhos em Congressos apresentaram resultados positivos, inclusive participações em Congressos Internacionais como, *The 18 Congress of the International Association of Gerontology*, em junho de 2005 e *II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade*, para o qual um primeiro esboço de nosso processo metodológico foi apresentado.

A proposta aqui registrada é refletir sobre o caminho metodológico vivenciado pelo nosso grupo de pesquisa, até mesmo para que o próprio grupo possa ser revisitado

por ele mesmo, identificando-se, e assim prosseguir seu caminhar com maior comprometimento. Na realidade, este processo teve início desde a formulação dos veículos a serem escolhidos, mas foi somente quando se partiu para a análise do material coletado e já organizado, que essa consciência veio à tona.

A etapa da análise levou seus componentes a se perguntarem o que deve ser mudado, o que tem de ser construído e modificado para que o grupo continue caminhando dentro do processo de uma pesquisa interdisciplinar. E mais, o que o tema envelhecimento, assunto novo nos jornais, também apresenta aos pesquisadores a possibilidade do novo olhar para o assunto.

O grupo tem dentro de sua sigla a comunicação como elemento articulador e construtor e parte dele vivenciaram este movimento na elaboração da narrativa desta obra. Para que esta fosse produzida, os pesquisadores colocaram em prática o movimento interdisciplinar de humildade, comprometimento e desapego. Todos tiveram a possibilidade da revisitação à história individual e coletiva, propiciando a riqueza de viver a memória num processo construtivo. Aliás, muitos estudiosos já manifestaram a importância da memória na reconstrução da vida, entre eles Halbwachs (1990), para o qual o momento presente é uma reconstrução de tudo o que se vive e aprende.

Ressalta-se, aqui, que este processo coletivo foi possível porque a líder tem por natureza atitudes interdisciplinares que a autorizaram a aproximar pesquisadores com atitudes idênticas. Após 7 anos de atuação, muitos deles continuam como membros do LEC, mas escolhas pessoais e profissionais nem sempre coincidem. Alguns saíram, outros entraram. E outros nos visitam. Trata-se do movimento da vida; afinal, falar da longevidade, do envelhecimento e da comunicação é, para nós, pesquisadoras do LEC, falar da vida que pulsa!

Referências

D'AMBROSIO Ubiratan. "Interdisciplinaridade, novas possibilidades da ciência". *Revista KAIRÓS*, São Paulo 6 (1), pp.67-84, jun.2003, Educ.

D'AMBRÓSIO, UBIRATAN. *Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar e conhecer*. São Paulo: Ática, 1998.

FAZENDA, Ivani (org.) *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____ (org.) *A virtude da força nas práticas Interdisciplinares*. Campinas: Papirus, 1999.

_____ (org.) *Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001a.

Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 2001b.

"Uma experiência na Universidade". *Revista KAIRÓS*, São Paulo 6 (1), p. 85-96, jun.2003, Educ.

D'AMBROSIO Ubiratan. *Interdisciplinaridade, novas possibilidades da ciência*. *Revista KAIRÓS*, São Paulo 6 (1), pp67-84, jun.2003. Educ.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MAUTNER, A. V. *Vicissitudes da barreira do contato*. Ver. USP, 11: 71-6, 1991.

MORIN, Edgard. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Ed.Europa, América, 1983.

Data de recebimento: 25/10/2009. Data de aceite: 30/11/2009.

Beltrina Côrte - Graduada em Jornalismo. Doutorado e o pos.doc em Ciências da Comunicação, USP. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, PUC/SP. Presidente do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. beltrina@uol.com.br

Ana Maria Ramos Sanchez Varella - Doutora em Educação. Mestre em Gerontologia. Especialização em Psicopedagogia. Especializada em Linguagem escrita e oral. Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Inglesa. Autora das obras: *A Comunicação Interdisciplinar na Educação*; *Envelhecer com desenvolvimento pessoal*; *Quinta série, um bicho de sete cabeças?* Pesquisadora fundadora do Grupo de Pesquisa LEC. E-mail: anamariarsv@hotmail.com